



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA - UEPB
PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCN. MÉDIO E EDUC. A DIST. – PROEAD
FILOSOFIA – PARFOR / CAPES / UEPB
POLO GUARABIRA

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM FILOSOFIA: IMPORTÂNCIA,
DIFICULDADES E SUA PROPOSTA NO ENSINO MÉDIO**

MARIA APARECIDA DA CUNHA LIMA

GUARABIRA/PB
ABRIL/2017

MARIA APARECIDA DA CUNHA LIMA

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM FILOSOFIA: IMPORTÂNCIA,
DIFICULDADES E SUA PROPOSTA NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC-Relatório) apresentado como requisito para o Curso de Graduação em Filosofia (PAFOR/CAPE/UEPB) da Universidade Estadual de Paraíba, Centro de Humanidades, Campus III, Polo de Guarabira/PB, para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação da Prof. Dr. Luciene Vieira de Arruda.

**GUARABIRA/PB
ABRIL/2017**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

L435f Lima, Maria Aparecida da Cunha

A formação de professores em filosofia: importância, dificuldades e sua proposta no ensino médio / Maria Aparecida da Cunha. – Guarabira: UEPB, 2017.

46 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Profa. Dra. Luciene Vieira de Arruda”.

1. Formação Docente. 2. Ensino de Filosofia. 3. Educação. I. Título.

22.ed. CDD 100

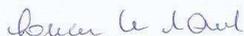
MARIA APARECIDA DA CUNHA LIMA

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM FILOSOFIA: IMPORTÂNCIA,
DIFICULDADES E SUA PROPOSTA NO ENSINO MÉDIO**

Relatório apresentado como requisito para o Curso de Graduação em Filosofia (PAFOR/CAPES/UEPB) da Universidade Estadual de Paraíba, Centro de Humanidades, Campus III, Polo de Guarabira/PB, para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação da Prof. Dr. Luciene Vieira de Arruda.

Aprovada em 29/04/2017.

BANCA EXAMINADORA



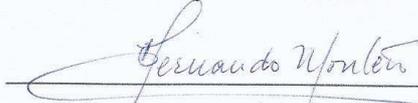
Dr. Luciene Vieira de Arruda/UEPB/DR/PARFOR

Orientadora



Prof. Ms. Mônica de F. G. de Oliveira /UEPB/CH/PARFOR

Professor Avaliador



Prof. Dr. Fernando Monteiro /UEPB/DR/PARFOR

Professor Avaliador

**GUARABIRA/PB
2017**

A Deus, minha força maior. Aos meus pais e aos meus filhos que torna os meus dias especiais, envolvendo-me com um laço de amor e renovando as minhas forças, me ajudando a encarar o dia-a-dia como um processo de coragem motivando-me a seguir em frente. Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, causa primária de tudo, soberanamente justo e bom, razão da minha existência, quem me dá inteligência, sabedoria para seguir. Agradeço a Ele por tudo e por todos.

Aos meus pais, meus filhos, irmãos que nunca mediram esforços para me ajudar e por todo amor que me dedicaram sempre.

Aos professores que por aqui passaram pelos conhecimentos a mim transmitidos com carinho e dedicação.

A minha orientadora Dr. Luciene Vieira de Arruda, o meu muito obrigada por sua colaboração de extrema importância e tão valiosa para o meu crescimento profissional e pessoal.

Ao professor orientador do Estágio Supervisionado Prof. Dr. José Arlindo Braga Filho, o meu muito obrigado por seus ensinamentos, sua compreensão e sua imensa simpatia.

Ao Prof^o. Ms. Janduí Evangelista que deu sua contribuição gratificante com seu jeito sério e dedicado. Hoje parablenizo o mais novo papai da UEPB.

Ao Prof^o. Dr^o. Fernando Monteiro, por suas contribuições e ensinamentos e mostrando-se um profissional serio e competente.

A Coordenadora Mônica Guedes, por sua colaboração e desempenho ao nosso polo e seu apoio nesse momento tão importante.

Ao MEC, (Ministério da Educação e Cultura), que nos deu a oportunidade de um curso gratuito, através do PAFOR, realizando mais um objetivo, um sonho em minha vida.

Aos colegas e amigos que me cativaram ao longo dessa caminhada, em particular Geraldo, Elza, Olerino, Joelma e Jéssica sabendo que todos foram indispensáveis para o cumprimento das tarefas.

Enfim a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão deste trabalho.

“Não aceitar nada como verdadeiro sem
saber evidentemente que é”.
DECARTES

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM FILOSOFIA: IMPORTÂNCIA, DIFICULDADES E SUA PROPOSTA NO ENSINO MÉDIO

LIMA, Maria Aparecida da Cunha

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso solicitado no Curso de Graduação Licenciatura em Filosofia, Campus III na cidade de Guarabira - PB sob a orientação da professora Luciene Vieira de Arruda, descreve em seu conteúdo, realidades vivenciadas no decorrer das disciplinas Estágio Supervisionado I, II e III, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheira Márcia Guedes A. de Carvalho, localizada na Rua: Brasiliano da Costa, Centro- Belém/PB. **A Formação de Professores em Filosofia: Importância, Dificuldades e sua Proposta no Ensino Médio.** A função do professor de Filosofia, em meio a tantas transformações na educação, não tem sido tarefa muito fácil, mas no decorrer do tempo algumas modificações foram adaptadas a este profissional, o seu papel de mediador tende a ser valorizado e já faz diferença em algumas instituições de ensino. O espaço escolar enfrenta diariamente grandes desafios e constantes mudanças em seu interior e conflitos tais como a desmotivação para o estudo, a violência e indisciplina, cabem a nós despertá-los para o senso crítico comum, torná-los seres pensantes e criadores de metas, objetivos a serem alcançados. Diante de tantos problemas que são inúmeros a busca por melhorias para os educadores desenvolver os trabalhos pedagógicos torna-se um fator principal do mesmo, mas ainda nos colocamos como autores da educação no centro do processo educativo para dar respostas aos problemas sociais. O trabalho tem como característica pesquisa quantitativa, qualitativa, discursiva, teórico /nútica e utilizando-se do método hermenêutico e documental. Fazendo assim uma análise na formação teórica filosófica do cidadão enquanto ser pensante aguçando então o seu senso crítico e criativo. A Filosofia como disciplina, de ensino sua historia e questões metodológicas, possa fecundar no educando um espírito com indagações pela experiência cotidiana, cujo objetivo é ampliar repertório visual, oral despertando nele o hábito de relacionar aspectos conceituais aos vários temas desenvolvidos no decorrer do ano letivo.

Palavras-chave: Educação; Formação; Ensino.

THE FORMATION OF TEACHERS IN PHILOSOPHY: IMPORTANCE, DIFFICULTIES AND ITS PROPOSAL IN MIDDLE SCHOOL

LIMA, Maria Aparecida da Cunha

ABSTRACT

The Term Paper requested on Graduation Degree in Philosophy, Campus III on Guarabira city-PB under the orientation of the teacher Luciene Vieira de Arruda, describe in your content, realities experienced during the Supervised Phase I, II e III, on the State Elementary and High School Engineer Márcia Guedes A. de Carvalho, localized on Brasiliano da Costa Street, city center-Bélem/PB. **The Graduation of Masters in Philosophy: Matter, Difficulties and your Propose on High School.** The main work of a Philosophy teacher, in the middle of so many transformations on education, has not been an easy task, however with the pass of time some changes have been adapted to this professional, your paper as moderator tend to be valued and already make difference in some educational institutions. The school sphere faces daily challenges and frequent changes in your interior beyond of conflicts, like when there is demotivation on studies, violence inside classes and indiscipline. It's on us to make them have a common critical sense, make the thinking beings and goal creators, an objective to reach. Against so many problems that are innumerable, the pursuit on improvements for educators develop the pedagogical works becomes a same main factor, but still we put ourselves as authors on education, in the center of the educational process to give answers of social problems. The work has as characteristic a quantitative search, qualitative, discursive, nautical theory and using of the hermeneutic method and documental. Doing that way an analysis on the philosophy theoretical formation of the citizen as pointed thinking being so yours creative and critical sense. The philosophy as studying discipline, your history and methodologic questions, may be likely to impregnate on the student a spirit with inquiries by daily experience, whose the objective is expend the visual and oral repertory awaking the habit of relate conceptual aspects to various themes developed during the school year.

Key-Word: Education; Formation; Teaching.

LISTA DE QUADROS

- QUADRO 1 - Plano de aula 1 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB **29**
- QUADRO 2 - Plano de aula 2 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB **30**
- QUADRO 3 - Plano de aula 3 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB **31**
- QUADRO 4 - Plano de aula 4 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB **32**
- QUADRO 5 - Plano de aula 5 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB **33**
- QUADRO 6 - Plano de aula 6 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB **34**
- QUADRO 7 - Plano de aula 7 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB **35**
- QUADRO 8 - Plano de aula 8 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB **36**
- QUADRO 9 - Projeto de Intervenção para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB. **37**

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CEB – Conselho Estadual de Educação.

CEE – Conselho Educacional de Educação.

CNE – Conselho Nacional de Educação.

EEEFM – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheira Márcia Guedes A. de Carvalho.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases.

MEC – Ministério da Educação e Cultura.

PAFOR – Plano Nacional de Formação de Professores.

PPC – Projeto Político Curricular.

SISMEDIO – Sistema de Formação de Profissionais do Ensino Médio.

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 QUE É ENSINAR FILOSOFIA?.....	17
2.2 ESPECIFICIDADES DO TRABALHO DOCENTE	19
3 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO PEDAGÓGICO.....	22
3.1 IDENTIFICAÇÃO DA UNIDADE ESCOLAR	22
3.2 ESTRUTURA FUNCIONAL DA ESCOLA	23
3.2.1 Estrutura Física.....	23
3.2.2 Estrutura pedagógica.....	23
3.2.3 Função social da escola	23
4 REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO - OBSERVAÇÃO	25
5 PREPARAÇÃO PARA PRÁTICA DA ESCOLA - PLANEJAMENTO.....	27
5.1 PLANEJAMENTOS PARA AS AULAS	27
6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A REGÊNCIA.....	39
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, desenvolvem-se e procuram, por assim dizer, viabilizar ou concretizar o pensamento científico através da criação de bases pedagógicas e, em consequência, bases didáticas para orientar as praticas pedagógicas, assim, também, os professores, artificies da administração da prática educacional, vão constituindo sua história. Poderíamos afirmar, em termos genéricos, que dois grupos sempre mantiveram o poder: os que dominam a economia, estreitamente conectada à política, e os que detêm o conhecimento. A história dos professores se confunde com esses segmentos, não tanto como artificies deles, porém, mas como atuando em serviço.

Há décadas discute-se em congressos, seminários, cursos e outros eventos semelhantes, qual a formação ideal ou necessária do professor do ensino básico (fundamental e médio), numa demonstração ostensiva de insatisfação generalizada com relação aos modelos formativos vigentes, principalmente nos cursos de licenciatura (HANNAH ARENDT, 1972).

No que diz respeito às propostas de formação docente, o estado de coisas está tão desarranjado que, quando se fala em metodologias e estratégias de ensino, não se consegue discernir entre possíveis relações conceituais entre conhecimento, ensino e valores e hipotéticas relações entre capacidade de aprender e supostas fases de desenvolvimento psicológico. Enfim, nem sempre se procura e se consegue distinguir entre o que são exercícios de um jargão na moda, daquilo que tem respaldo em investigações teóricas e empíricas.

O ponto de vista pedagógico não é uma soma de parcelas de saberes teóricos que, embora necessários, nunca serão suficientes para alicerçar a compreensão da situação escolar e a formação do discernimento do educador. Segundo Meirieu (2005):

O professor não pode dispensar a reflexão pedagógica, desta forma ao assumir um desafio, precisará dotar-se de algumas ferramentas teóricas, precisará desvendar as contradições fundamentais da educação por meio da singularidade de casos a enfrentar e finalmente inventar meios para superar essas contradições. (MEIRIEU, 2005, p. 148).

Tudo isso possibilitará ao professor encontrar meios de superação dos desafios de educar, e isso se constrói de maneira progressiva, com rupturas, evoluções, retrocessos e superações, que o professor desenvolve.

No atual quadro histórico, de ascensão das massas a uma educação cada vez mais ampliada, não há lugar para a visão elitista e petrificada da relação pedagógica. Como disse Hannah Arendt, (1972, p 236), “a escola é a instituição que interpomos entre domínio privado

do lar e o mundo com o fito de fazer que seja possível a tradição, de alguma forma, da família para o mundo”. Aqui, o comparecimento não é exigido pela família, e sim pelo Estado, isto é, o mundo público, e assim, em relação ao aluno, a escola representa certo sentido do mundo.

A escola contemporânea é, pois, uma novidade social e cultural. Nesse novo espaço institucional, o desempenho do professor não mais pode ser pensado como uma simples questão de formação teórica de alguém que ensina como também o desempenho do aluno não mais pode ser considerada como uma simples questão de motivação e de esforços individuais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio afirmam:

Nesse sentido, para o professor, nem mesmo o conteúdo programático deve estar excluído do debate com o aluno, muito ao contrário. É mesmo desejável que, na medida do possível, este possa manifestar-se, fazer opções discutir encaminhamentos e, quem sabe até, metodológicas e materiais didáticos. [...] Para o aluno por sua vez, aprende a negociar seus interesses no conjunto de outras preferências é uma das mais ricas conquistas da aprendizagem. Como em tudo o mais, depende muito de que o professor seja capaz de uma dedicada abertura pedagógica [...] na qual o debate sistematicamente conduzido tem lugar de destaque. (BRASIL, 2002, p. 346):

A escola básica de hoje não é, pois, um retrocesso com relação à escola de ontem. É outra escola, principalmente por ser altamente expandida, e suas alegadas de deficiência precisam ser enfrentadas por um esforço permanente de investigação e busca. O professor precisa ser formado para enfrentar os desafios da novidade escolar contemporânea. Qualquer proposta de formação docente deve ter um sentido de investigação e de busca de novos caminhos.

No currículo do ensino médio, grande parte dos professores está despreparada para lidar com a matéria, constatam os pesquisadores da área. Diante do problema, filósofos de todo o país defendem a criação de linhas de pesquisa e até programas de pós-graduação específicos para o desenvolvimento do ensino nas escolas. Saviani (2009) faz um apanhado histórico acerca da formação de professores e comenta que no Brasil a questão do preparo desses profissionais emerge de forma explícita após a independência, quando se cogita a organização da instrução popular.

São vários os fatores que fazem os cursos de licenciatura ser esvaziados ou terem grande evasão. Para tentar mudar esse quadro, algumas leis, pareceres e decretos foram promulgados no intuito de oferecer melhores condições para atuação do docente. Durante a sua atuação como profissional habilitado, com destaque para a Lei do Piso Nacional do Professor (Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008; Brasil, 2008a), que institui o Piso Salarial Profissional Nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Quanto

durante a sua formação em nível de graduação, com a Lei do Estágio (Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008; BRASIL, 2008b), que dispõe sobre o estágio de estudantes, e o parecer nº28/2001 (BRASIL, 2002), que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de formação de professores da educação básica em nível superior, curso de licenciatura e de graduação plena.

A definição de estágio que a Lei nº 11.788/2008 apresenta em seu artigo 1º: “ Estágio é o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular [...]”, acrescentando em seus inícios que o estágio faz parte do projeto pedagógico do curso e visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento de educando para a vida cidadã e para o trabalho (BRASIL, 2008b).

O parecer n ° 28/2001 (BRASIL, 2002) coloca um ponto-final na confusão entre as cargas horárias exigidas nas legislações anterior para a prática de ensino e o estágio supervisionado. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996;) é clara em seu artigo 65, quando diz que, a formação docente, exceto para educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas. Dada à importância da prática na formação profissional de docentes, consideradas as mudanças em face do paradigma vigente até a entrada em vigor da nova LDB, percebeu-se que esse mínimo de horas estabelecidos em Lei não seria suficiente para dar conta de todas as exigências, especialmente da associação entre teorias e práticas tal como posto no artigo 61 da LDB.

Assim torna-se procedente acrescentar ao tempo mínimo já estabelecido em Lei (300 horas) mais um terço (1/3) desta carga, perfazendo um total de 400horas (Brasil, 2001b). A questão do estágio supervisionado não esteve em discussão apenas no aspecto legal, mas tem sido também foco de inúmeras pesquisas acadêmicas.

Fiorentini (2008) afirma que pesquisas sobre o estágio indicam que, se queremos formar professores capazes de produzir e avançar nos conhecimentos curriculares e de transformar a prática/cultura escolar, então é preciso que eles adquiram uma formação inicial que lhes proporcione uma sólida base teórico-científica relativa ao seu campo de atuação, que deve ser desenvolvida apoiada na reflexão e na investigação sobre a prática. Isso requer um tempo relativamente longo de estudo e o desenvolvimento de uma prática de socialização profissional e iniciação à docência acompanhada de muita reflexão e investigação, tendo a orientação ou supervisão de formadores-pesquisadores qualificados.

O presente relatório propõe, entre outros objetivos, abordar a formação de professores em Filosofia sua importância, dificuldades e sua proposta no ensino médio que dizem respeito ao espaço pedagógico onde se desenvolveu o estágio supervisionado, do ensino de Filosofia. Propõe-se a discutir algo que se mostra de uma grande relevância diante das atuais necessidades de justificativas para a presença da Filosofia no Ensino Médio, pois o mesmo trás a discussão acerca da importância que a disciplina tem no âmbito da formação do cidadão e qual o seu papel nesse processo.

Esse trabalho propõe ainda desenvolver e verificar a importância da Filosofia no Ensino Médio, vendo a necessidade de professores com formação na área de Filosofia, aprimorando a formação do educador para lecionar na disciplina escolhida e melhores condições ao educador não graduado na disciplina a qual leciona. Fornecer informações adequadas para desenvolver um senso crítico do profissional em questão e desenvolver projetos para melhorar autoestima do educador e educando em relação à disciplina. O presente trabalho está dividido em etapas as quais se iniciou com os estágios realizados na unidade escolar já mencionada.

Foram momentos de observação e prática com aulas realizadas as turmas de ensino médio. Observando-se a prática da professora seu pouco domínio e sua falta de propriedade em suas indagações, onde deixou claro que não se identifica com a matéria a qual leciona. Seu plano é voltado e exclusivo no uso do livro didático. Nas aulas onde pude estar frente a frente com a turma, desenvolvi temas alguns que já tinham visto, mas tinham dúvidas em alguns pontos onde juntos trocamos informações. Os temas de fácil assimilação os quais interagimos e houve a participação da turma, alguns mais curiosos e interessadas outros com pouco interesse. Os trabalhos sugeridos foram bem aceitos sendo supervisionado pela professora dos mesmos e aprovados para a execução em sala. Infelizmente por motivos maiores não consegui aplicar o projeto de intervenção o qual deixei com a professora que se comprometeu em executá-lo em um momento oportuno.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A inclusão da Filosofia no currículo do ensino médio brasileiro nos imprime a necessidade de reflexão acerca da formação do futuro professor dessa disciplina, visto que muitos alunos dos cursos de Filosofia estão ou estarão adentrando as salas de aula e vivenciando as diversas experiências que o ato de ensinar e de aprender proporciona. Os questionamentos a seguir nos fazem refletir sobre o ensino desta matéria, que por alguns não são simpatizantes, por acharem que não tem valor e que não precisa de mais uma disciplina no currículo escolar.

De fato, nada aprendi sem que tenha partido, nem ensinei sem convidá-lo a deixar ao ninho. Partir exige um dilaceramento que arranca uma parte do corpo à parte que permanece aderente à margem do nascimento, à vizinhança do parentesco, a casa e à aldeia dos usuários, à língua e à rigidez dos hábitos. Quem não se mexe nada começa por este nada. Nenhum aprendizado dispensa a viagem [...]. Seduzir: conduzir para outro lugar. Bifurcar a direção dita natural[...]. Bifurcar quer dizer obrigatoriamente decidir-se por um caminho transversal que conduz a um ignorado (SERRES 1993, p. 14-15).

2.1 QUE É ENSINAR FILOSOFIA?

A pergunta: O que é ensinar Filosofia? Poderia admitir uma resposta imediata, que se inscreve em um dos lugares comuns que costumam guiar qualquer ensino. Ensinar Filosofia seria a atividade em que alguém transmite ao outro determinado conteúdo, neste caso, de Filosofia ou filosófico. Pois bem, antes de nos determos nessa, aparentemente, simples e clara descrição, vemos que surgem alguns problemas. De saída, a pergunta não está respondida já que a questão foi deslocada, por um lado, para o ato de transmitir e, por outro, para o conteúdo, a Filosofia.

E como sabemos encontrar uma resposta unívoca para que ensinar Filosofia, não somente não é possível, mas cada uma das eventuais respostas poderia dar lugar a concepções diferentes da Filosofia e do filosofar, o que influirá, por sua vez, sobre o sentido do ensinar ou transmitir Filosofia.

Se pretendermos definir o que é Filosofia, devemos redefinir o que significa ensiná-la, já que cada caracterização julgaria a possibilidade de sua transmissão. Se a isso somamos que nos interessa pensar o ensino da Filosofia em um contexto formal, ou seja, naquele em que os conteúdos estão prescritos, ou seja, ou regulados pelo Estado, o panorama se complica ainda mais.

Podemos propor que aprender Filosofia é conhecer a sua história, adquirir uma série de habilidades argumentativas ou cognitivas um olhar sobre o mundo. Além do que, certamente, admitimos que se possa aprender Filosofia sem que alguém formalmente a ensine. Ensinar ou transmitir uma Filosofia foi o objetivo originário de diversas escolas filosóficas e também uma ocupação de muitos filósofos. O sentido de ensinar Filosofia estaria, pois, redefinido pelo sentido institucional que se outorga a esse ensino.

Constitui um tema próprio e fundamental da Filosofia mesma, e não admite, de modo algum, uma resposta única. Cada filósofo responde a essa pergunta, explica ou implicitamente, desde o seu horizonte teórico, o que muitas vezes complica até um possível diálogo com outras respostas oferecidas à mesma pergunta desde referências diferentes. De fato, é possível reconhecer diferentes modos de encarar o ensino da Filosofia.

Em qualquer situação de ensino de Filosofia, o que emerge sempre, que se queira ou não tornar evidente, é o contato que com ela mantém quem assume a função de ensinar. Filosofia e filosofar se encontram unidos, então, no mesmo movimento, tanto o da prática filosófica como o do ensino de Filosofia. Segundo Aranha (2003), Filosofia é o pensar reflexivo do homem sobre seu cotidiano para compreender seus atos e seus pensamentos. Não se trata de qualquer reflexão, mas o refletir sobre o próprio pensar; “pensar o já pensado, voltar para si mesmo e colocar em questão o que já se conhece”. Por meio da reflexão o homem tem outra dimensão, além da oferecida pelo agir imediato e lhe é possibilitada a superação da situação dada e não escolhida.

O termo Filosofia vem do grego **philos** (que ama) e **sophia** (sabedoria) e refere-se ao “amor à sabedoria”. Dentro desta concepção, podemos interpretar a Filosofia como atitude, pensar permanente e crítico que busca superar obstáculos na direção de uma resposta clara e segura, na tentativa de responder questões fundamentais da realidade e compreender o que há de vago e confuso em nossas ideias habituais. Portanto, pode ser entendida como uma busca da verdade e não a própria verdade, como muitas vezes, pode parecer.

A este respeito, Russell (1959) enfatiza:

Na vida cotidiana admitimos como certas muitas coisas que, depois de um exame mais minucioso, nos parecem tão cheias de contradições que só um grande esforço de pensamento nos permite saber em que realmente acreditar. Na busca da certeza é natural começar pelas nossas experiências presentes e, num certo sentido, não há dúvida de que o conhecimento deriva delas. É possível, no entanto, que qualquer afirmação acerca do que nossas experiências imediatas nos permitem conhecer esteja errada. (RUSSELL; 1959, p.7).

É o que acontece, muitas vezes, quando nos deparamos em uma situação para resolver um determinado problema, mas não conseguimos chegar à solução dele; isso acontece porque não refletimos, não pesquisamos mais sobre o assunto, não nos questionamos se o que estamos fazendo é certo. Neste caso, a filosofia nos traz grandes ajuda para refletir a respeito da realidade e questionar nossas ações, bem como para respeitar pontos de vistas diferentes. É o ato consciente e crítico, o “filosofar espontâneo do homem comum” (ARANHA, 2003, p. 73).

2.2 ESPECIFICIDADES DO TRABALHO DOCENTE

As dificuldades que os professores de Filosofia enfrentam para responder aos desafios didáticos postos pela atual inserção da matéria no ensino médio de massa começam pelas deficiências em sua própria formação inicial.

No Brasil, a formação do professor de Filosofia se dá nos cursos universitários de graduação, onde ainda é bastante comum a formula 3+1, ou seja, três anos de disciplinas específicas, de conteúdo filosófico, e um ano reservado às disciplinas de natureza pedagógica. Em algumas universidades, a parte pedagógica concentra-se no final do curso, em outras se encontra distribuída ao longo da grade curricular, nos quatro anos de graduação, ficando, habitualmente, sob a responsabilidade da Faculdade de Educação das respectivas instituições. Há, portanto, uma divisão de trabalho, ou dicotomia entre formação específica e formação pedagógica: na faculdade ou departamento de Filosofia o professor aprende **o que ensinar**, na faculdade de educação aprende **como ensinar**. Não é raro que essas duas frentes de trabalho possuam concepções divergentes e até mesmo conflitantes sobre o perfil do professor de Filosofia no nível médio.

Tanto na formação específica, como a formação pedagógica, revelam deficiência do ponto de vista da preparação do professor para enfrentar uma sala de aula. Em relação à formação específica, podemos, grosso modo, assinalar o predomínio de dois modelos de graduação: um construído com base em cursos monográficos que privilegiam a formação do especialista ou pesquisador, tratando a licenciatura como uma espécie de apêndice ao bacharelado, outro construído com base na pulverização dos conteúdos filosóficos num grande número de disciplinas, ministradas com base em manuais e bibliografia secundária.

É um trabalho sério, importante, mas que peca por não oferecer ao graduando um quadro mais amplo da história da filosofia, necessário ao trabalho docente no ensino médio e desejável num curso de graduação. Peca pela falta de um trabalho mais coerente com natureza

reflexiva da Filosofia e pela qualidade de insignificante de leitura dos textos dos filósofos originais, o que resulta numa formação com sérias deficiências quanto ao embasamento teórico-epistemológico e quanto ao conhecimento mais específico dos conteúdos filosóficos.

Portanto, se quiser fazer um trabalho de qualidade, o professor terá de encontrar formas de superar as deficiências de sua formação inicial, buscando cursos e eventos científicos que propiciem um aprimoramento na área e, principalmente, fazendo do estudo pessoal uma constante na sua vida profissional.

Não é raro que a dicotomia presente nos cursos de graduação – o bacharelado como formação do pesquisador ou especialista, e a licenciatura como formação do professor de Filosofia – traduza-se na distribuição de um valor diferenciado a essas duas modalidades. O professor, visto como mero reproduzidor ou divulgador do conhecimento produzido pelo especialista costuma ser menosprezado em relação ao bacharel, destinado a ser produtor de conhecimento. Algumas pessoas, na intenção de contestar essa pretensa hierarquização, procuram restituir dignidade à função docente defendendo a tese de que o professor não é mero reproduzidor, mas também um produtor, porque para ensinar ele precisa ser um pesquisador. Esse tipo de defesa, ainda que bem intencionada, acaba submetendo-se à lógica que pretende combater, na medida em que a valorização do docente fica na dependência de sua equiparação ao pesquisador.

O professor pode, efetivamente, ser um pesquisador, mas não é prioritariamente nesse âmbito que se define sua identidade docente. A função que lhe é própria não reside em ser produtor de um discurso filosófico original, embora ele também possa sê-lo, mas sim na competência para converter a Filosofia em saber ensinável. Para tanto, o professor não pode se limitar-se a reproduzir o discurso do especialista, nem igualar-se a ele ou ocupar o seu lugar, mas elaborar uma modalidade de saber que não é produzida pelo pesquisador acadêmico: o saber didático-filosófico, ou seja, aquele que institui mediações capazes de possibilitar que a Filosofia seja um saber ensinável. Desse modo, ele deixa de ser mera caixa de ressonância de um conhecimento filosófico já consolidado, para ser uma forma própria e específica de discurso.

Além de formatação dos cursos e aulas que deve ministrar, também constitui competência específica do professor a produção de textos didáticos, cujo autor, de direito, só pode ser alguém que é detentor de conhecimentos e experiências relativos à prática do ensino. Não se trata de propor que todos os professores do ensino médio escrevam livros didáticos, mas que produzam pequenos textos utilizados nas suas aulas. Por vezes, a dificuldade de encontrar material didático de qualidade, como em vistas à abordagem de determinado

conteúdo, pode demandar que o professor redija textos de apoio adequados aos objetivos didáticos que se propõe alcançar.

Aqueles que menosprezam a figura do professor em relação à do pesquisador certamente ignoram o caráter complexo do trabalho docente, particularmente no nível médio. A simplificação didática do saber, em termos aceitáveis, é uma tarefa extremamente difícil, que exige do professor grande conhecimento e experiência, como assinala Jacques Muglion (1996).

É preciso ser muito experiente para simplificar ou pôr em evidência aquilo que é elementar, quer dizer, o simples. A preparação das aulas supõe, então, uma cultura aprofundada e uma capacidade de reflexão que permita entrar no mais simples, e, igualmente, evidenciar o que é essencial. Ministrando uma aula completa sobre a verdade em duas horas requer, com certeza, muita cultura filosófica e reflexão; uma aula completa e compreensível para um público modesto, o que não significa absolutamente que não possa ser retomada e aprofundada no momento oportuno (MUGLIONI, 1996).

Mesmo não sendo simples, o trabalho docente costuma parecer muito modesto aos olhos do pesquisador ou do especialista, uma postura elitista que não se sustenta quando se leva em conta sua relevância para a consolidação de um projeto democrático de acesso ao saber.

Na conjuntura posta pelo atual ensino médio, cabe ao professor ser mediador entre a Filosofia e os alunos iniciantes, que não possuem ainda as qualificações requeridas para ter acesso a esse saber por conta própria, o que supõe que ele seja capaz de traduzir em termos simples um saber especializado. Para dar conta da tarefa, muitos desafios precisam ser superados, desde as deficiências de sua própria formação e as carências de seus alunos, até condições institucionais adversas ao ensino da disciplina, como, por exemplo, o tempo exíguo que lhe é destinado na grade curricular.

3 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO PEDAGÓGICO

3.1 IDENTIFICAÇÕES DA UNIDADE ESCOLAR

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho CEPES BL- 1, criada pelo Decreto de N° 5.124, de 09/10/1970 na época chamada Ginásio Estadual de Belém e em 13/01/1971 pelo Decreto N° 4.490 de 20/07/1983 antes chamada Escola Estadual de 1° e 2° Graus Eng^a Márcia Guedes de Carvalho, em 13/01/2001 passou a denominar-se Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Eng^a Márcia Guedes Alcoforado de Carvalho, pelo Decreto N° 23.142 de 28/06/2002.

Atualmente a referida escola funciona em três turnos: manha, tarde e noite como Ensino Fundamental e Médio (Regular e EJA). No ano de 2012, começou a funcionar o Ensino Fundamental do 7° ao 9° ano, o 6° ano pertence agora a Escola Estadual de Ensino Fundamental Felinto Elísio, Belém-PB.

Em 2014, foi implantado o Programa Mais Educação e o Programa do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio (SISMEDIO), este último não continuou em 2015 e em 2016 o Programa Mais Educação também foi extinto.

O numero de alunos atendidos atualmente soma um total de 1.056 alunos matriculados. Mais de 90% do corpo docente é qualificado, todos são graduados, grande parte possui pós-graduação e tem participação em cursos de capacitação e especialização, quando oferecidos pelo Governo do Estado.

A construção do **PPC** da referida escola justifica-se por construir-se o fruto da interação entre os objetivos e prioridades estabelecidas pela coletividade, que estabelece através da reflexão, as ações necessárias à construção de uma nova realidade.

O objetivo geral é valorizar a educação como um instrumento de humanização e de integração social, proporcionando uma educação de qualidade através de um trabalho de parceria entre pais, alunos, profissionais da educação, num processo cooperativo de formação de indivíduos plenos e aptos a construir a sua própria identidade e cidadania, reconhecendo-se, como ser único, mas também coletivo.

3.2 ESTRUTURA FUNCIONAL DA ESCOLA

3.2.1 Estrutura Física

A referida escola possui: 13 salas de aula, 1 sala de vídeo, 1 laboratório de Física, Química e Biologia, 1 laboratório de informática, 1 biblioteca, 1 sala de professores, 1 secretária, 1 diretoria, 1 sala de coordenação, 1 sala de arquivo, 1 cozinha com dependência para armazenar merenda e panelheiro, 2 depósitos, 1 WC feminino, 1 WC masculino, 1 WC para deficientes, 1 WC para professores, 1 WC para professoras, 1 área coberta conjugada com a cozinha onde é distribuída a merenda, um ginásio poliesportivo com uma sala para professor, 1 vestuário feminino, 1 vestuário masculino, 1 WC feminino, 1 WC masculino, 1 sala para guardar material esportivo. A área total da escola é de 5.439m².

3.2.2 Estrutura pedagógica

. Ensino Fundamental:

Com duração de nove anos em regime anual. (Resolução CNE/CEB nº 6/2 e CEE nº 340/2006); Do 7º ao 9º ano – Anos finais do Ensino Fundamental, regime regular, de formação humana de responsabilidade da rede estadual.

. Ensino Médio:

Etapa que completa a Educação Básica (art. 35).

Do 1º ao 3º ano do Ensino Médio – Com duração de três anos de responsabilidade da Rede Estadual.

. EJA (Educação de Jovens e Adultos) 2º Segmento e Ensino Médio:

Para atender as pessoas que não puderem ter acesso ao Ensino Fundamental e Médio e não tiveram a possibilidade de continuar seus estudos na idade apropriada. É de responsabilidade da Rede Estadual:

Matricula Semestral;

2º Segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio (6º ao 9º).

3.2.3 Função social da escola

Missão

Oferecer uma educação pautada dos valores éticos, morais, políticos e sociais, formando assim, cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, capazes de interagir e transformar a realidade para uma vida em sociedade.

A missão deve refletir valores compartilhados pela escola. Pois é nesse espaço escolar que surge diversos olhares e modificações. E tendo como função promover crescimento e desenvolvimento humano, criando possibilidades para que os sujeitos socializem experiências, realizem aprendizagens e construam sua identidade numa perspectiva de pleno exercício da cidadania.

4 REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO - OBSERVAÇÃO

Uma das tarefas da Filosofia é provocar, bem como estimular as pessoas a uma compreensão de mundo e à tomada de consciência sobre a necessidade de se situar como agente construtor da realidade. O ser humano, como indivíduo dotado de racionalidade, capaz de adquirir conhecimento através da experiência de vivência no mundo é capaz de se adaptar às realidades de uma sociedade em constante mudança.

Nesta perspectiva, Freire (2006) considera que o indivíduo que tende à mudança, caracteriza-se como um ser capaz de intervir nos rumos da sociedade e é por essa razão e tantas outras que se deve estimulá-lo a abandonar a neutralidade a respeito de questões determinantes para o bem estar de todos.

Há uma necessidade de qualificação do professor para uma prática docente em suas atividades. A professora que leciona a disciplina de Filosofia na instituição a qual estagiei é formada em História e lecionava já há quinze anos na disciplina de Inglês. O que pode observar que não há domínio sobre a disciplina e muita insegurança na discussão dos assuntos abordados. O assunto aplicado é o mesmo em todas as turmas do 1º ao 3º ano, tanto nos turnos manhã, tarde e noite.

Observou-se que os alunos que compõem o público alvo da pesquisa demonstraram desestimulados visto que a professor não estimula os educandos, que os façam torna-se sujeitos críticos.

As atividades que foram propostas nas turmas do ensino médio dos três turnos foram retiradas do livro didático adotado na referida escola Iniciação a Filosofia da filósofa Marilene Chauí. Suas aulas sempre expositivas numa perspectiva mais tradicional passando uma conduta pedagógica mecanizada, uma aula magistral, isto é, do mestre, ou a explicação de textos. O problema é que o modelo de aulas magistralidade faz dessa técnica o ponto central e quase exclusivo da atividade pedagógica, adotando uma modalidade de exposição que converte o aluno num receptor passivo da tradição filosófica. Colocando numa posição imóvel e silenciosa, como saber o que se passa na cabeça do estudante, enquanto o professor faz sua preleção.

Sabemos todos que os textos filosóficos apresentam grande dificuldade para ser trabalhado no nível médio. As deficiências culturais e linguísticas dos estudantes e até mesmo do professor, dificulta a compreensão do que leem. Os trabalhos de pesquisa sobre os pensadores deixaram bastante a desejar, não houve uma sequência a seguir e os alunos não

conseguiram explicar o que eles mesmos pesquisaram. Foram três aulas seguidas para conclusão e apresentação isto aconteceu nas turmas de 1º ao 3º ano.

Em outras aulas foi dado o número da página do livro e foi solicitado aos alunos que fizessem o resumo do texto. Não é uma atividade adequada, pois é preciso lembrar que a análise de anteceder a síntese, mesmo porque a boa síntese, aquela que resulta de uma boa compreensão e assimilação pessoal do texto lido e não um mero pincelar aleatório de frases.

Em outras aulas utilizou exercícios orais, mandando abrir o livro em determinada página para que o aluno fizesse a leitura e explicasse o que entendeu. Uma atividade como essa reforçaria o diálogo, a discussão, chegando ao debate aguçando o senso crítico do educando.

O termo exercícios refere-se às formas orais e escritas de atividade dos estudantes, visando à aquisição de um saber por meio do trabalho filosófico (TROMBINO, 2003). Devem ser planejados e seguir um roteiro previamente determinado para que se convertam num processo de estudo orientado, infelizmente não pareceu uma atividade planejada.

Concluindo os dois estágios já realizados não demonstrou novidades na maneira na qual a educadora responsável ministrou suas aulas de Filosofia. Costuma-se dizer que o ser humano aprende com erros, seria exato dizer que ele aprende corrigindo os próprios erros.

5 PREPARAÇÃO PARA PRÁTICA DA ESCOLA - PLANEJAMENTO

A prática escolar tem atrás de si condicionantes sociopolíticas que configuram diferentes concepções de homem e de sociedade e, conseqüentemente, diferentes pressupostos sobre o papel da escola, aprendizagem, relações professor-aluno. A maioria dos profissionais da educação baseia sua prática docente em prescrições pedagógicas que viraram senso comum.

Mesmo que durante sua formação estes educadores tenham contato com o estudo de práticas e correntes epistemológicas de ensino, devemos salientar que quase nunca estas correntes têm correspondência com as situações concretas de sala de aula.

5.1 PLANEJAMENTOS PARA AS AULAS

O que entendemos por planejamento? De que maneira essa prática é vivenciada em nossas escolas? Que experiências e impressões têm dessa prática? Como costumamos planejar nossas disciplinas e aulas? Existe relação entre planejamento didático e o Planejamento Político Curricular (PPC) escolar? Qual o papel do PPC das instituições onde atuamos nos momentos de estudo, avaliação e tomada de decisões? É possível transformarmos o planejamento formal e burocrático, de hoje, em uma prática coletiva e participativa?

Planejar é um ato coletivo que envolve a troca de informações entre professores, direção, coordenadores, funcionários e pais. Isso não quer dizer que o produto final venha ser um documento complicado. Ao contrário, ele deve ser simples, funcional e flexível.

E não adiantam elaborar o planejamento tendo em mente apenas alunos ideais. Avalie o que sua turma já sabe e o que ainda precisa aprender. Só assim poderá planejar com base em necessidades reais de aprendizagem. Esteja aberto para acolher o aluno e suas circunstâncias. E, é claro, para aprender com os próprios erros e caminhar junto com a turma.

Para José Cerchi Fusari, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, não há ensino sem planejamento. “Se a escola é o lugar onde por excelência se lida com o conhecimento, não podemos agir com base no improvisado”, diz: “Ensinar requer intencionalidade e sistematização”.

O ensino de Filosofia na escola encontra-se mais instrumentalizadas para a convivência social e escolar, já que a educação para filosofá-lo tem por objetivo desenvolver habilidades que tendem a tornar os seres humanos melhores, aperfeiçoando seu modo de ser,

de agir e de pensar, segundo modos de vida mais democráticos e éticos. Na visão de Cunha (2008),

O filosofar é, em suma, uma atividade de produção e de reflexão crítica de conhecimentos úteis para a vida [...] O filosofar que pretendemos está vinculado à história presente, ao cotidiano, à vida pulsante, aos interesses e motivações dos desafios atuais, em especial, aqueles vividos pelas crianças. (CUNHA, 2008, p. 13).

Assim sendo, é na escola que, além da experiência motora ou emocional, acontece o convite à experiência reflexiva, na qual a imaginação impulsiona a criatividade e o auto, aprimoramento traz melhoria da vida humana em geral. Os quadros a seguir trazem os planos das aulas realizadas durante o estágio supervisionado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheira Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB. Planos estes que foram desenvolvidos com sucesso.

QUADRO 1 - Plano de aula 1 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB

PLANO DE AULA

ESCOLA: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheira Márcia Guedes A. de Carvalho, localizada na Rua Brasiliano da Costa, Centro- Belém/PB.

DISCIPLINA: Filosofia

PROFESSORA: Aparecida Cunha **TURMA:** 1º Ano

TEMA: O início do pensamento filosófico na Grécia Antiga.

OBJETIVO GERAL: Aplicar conhecimentos filosóficos no plano existencial, nos projetos de vida e nas relações sociais.

. OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Debater sobre o tema estudado, tomando uma posição;
- Defender argumentativa mente e mudando de posição face á argumentos mais consistentes.

CONTEÚDO: Mito da caverna

METODOLOGIA: Apresentação do vídeo “Mito da Caverna”.

Discussão sobre o vídeo estabelecendo suas relações com a realidade atual; conceituando mito e relacionando alguns mitos existentes na nossa realidade;

RECURSOS DIDÁTICOS: Apresentação em vídeo e entrega de apostila sobre o assunto em questão.

AValiação: Avaliação oral e escrita sobre o que entendeu em dois parágrafos sobre o tema abordado.

REFERÊNCIA:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia.** São Paulo: Moderna, 2005.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 2003.

CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2013. (Referência de base)

QUADRO 2 - Plano de aula 2 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB.

ESCOLA: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheira Márcia Guedes A. de Carvalho, localizada na Rua Brasileiro da Costa, Centro- Belém/PB.

DISCIPLINA: Filosofia

PROFESSORA: Aparecida Cunha **TURMA:** 1º Ano

TEMA: O homem é um ser inacabado?

OBJETIVO GERAL: Discutir sobre a existência do homem, sua busca em relação ao conhecimento do seu próprio ser, conhecer-se a si mesmo.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Levantar questionamentos sobre a existência do homem;
- Buscar avaliar-se a si mesmo no conhecer-se;
- Fazer um diagnóstico do que somos e o que queremos após discussão em roda de conversa.

CONTEÚDO: O conceito de Heidegger sobre o homem.

METODOLOGIA: Aula expositiva discursiva com roda de conversa sobre tema abordado.

RECURSOS DIDÁTICOS: Apresentação em slide e entrega de apostila sobre o assunto em questão.

AValiação: Avaliação oral e escrita sobre o que entendeu em dois parágrafos sobre o tema abordado.

REFERÊNCIA:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2013. (Referência de base

QUADRO 3 - Plano de aula 3 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB.

ESCOLA: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheira Márcia Guedes A. de Carvalho, localizada na Rua Brasileiro da Costa, Centro- Belém/PB.

DISCIPLINA: Filosofia

PROFESSORA: Aparecida Cunha **TURMA:** 2º Ano

TEMA: O Racionalismo de Descartes: Da dúvida à certeza.

OBJETIVO GERAL: Estabelecer algumas relações entre argumentos que Descartes utiliza para chegar a uma dúvida universal.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

Estabelecer argumentos para a dúvida Universal;

Compreender a importância do ato de duvidar;

Colocar em questão comportamentos dogmáticos e crenças pré-estabelecidas

CONTEÚDO: A importância do ato de duvidar.

METODOLOGIA: Ler com todos os alunos a letra da música Dúvidas de Liah para chamar a atenção dos alunos para o tema. Propor uma discussão com os alunos com respeito às dúvidas que às vezes temos que enfrentar. Pode ela [dúvida] ser universal?

RECURSOS DIDÁTICOS: → Letra da música: Dúvidas /Liah. Trecho do Texto Filosófico: Meditações (1ª meditação) René Descartes.

AValiação: Exercício escrito sobre o tema estudado

REFERÊNCIA:

GALO, Silvio. **A Filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade.** In: SILVEIRA, Renê J.T. e GOTO, R. (Org.) Filosofia no Ensino Médio: temas, problemas e propostas, São Paulo. Loyola. 2007, p. 15 a 36. Letra da Música DÚVIDAS em: <http://liah.músicas.mus.br/letras/427149>.

DESCARTES, R. **Mediações metafísicas.** In: Descartes, Vol., São Paulo. Abril Cultural, 1973.

QUADRO 4 - Plano de aula 4 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB. -

PLANO DE AULA

ESCOLA: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheira Márcia Guedes A. de Carvalho, localizada na Rua Brasiliano da Costa, Centro- Belém/PB.

DISCIPLINA: Filosofia

PROFESSORA: Aparecida Cunha **TURMA:** 2º Ano

TEMA: Ética e moral

OBJETIVO GERAL: Promover a formação de cidadãos críticos e participativos na construção da sociedade.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Estimular no aluno o desenvolvimento da capacidade de análise crítica dos fatos, dos acontecimentos, da realidade como um todo;
- Incentivar os estudantes a questionarem, a indagarem acerca dos fenômenos filosóficos a fim de adotarem uma atitude crítica diante da realidade.

CONTEÚDO: Reflexões éticas e morais de alguns filósofos e correntes filosóficas.

METODOLOGIA: Propor discussão em roda de conversa abordando os pontos principais do tema em questão.

RECURSOS DIDÁTICOS: Livro didático, quadro branco.

AVALIAÇÃO: Exercício escrito um resumo crítico sobre o tema estudado em grupo.

REFERÊNCIA:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia.** São Paulo: Moderna, 2005.

CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2013. (Referência de base)

QUADRO 5 - Plano de aula 5 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB.

PLANO DE AULA

ESCOLA: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheira Márcia Guedes A. de Carvalho, localizada na Rua Brasileiro da Costa, Centro- Belém/PB.

DISCIPLINA: Filosofia

PROFESSORA: Aparecida Cunha **TURMA:** 3º Ano

TEMA: A bioética

OBJETIVO GERAL: Promover a formação de cidadãos críticos e participativos na construção da sociedade.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Estimular no aluno o desenvolvimento da capacidade de análise crítica dos fatos, dos acontecimentos, da realidade como um todo;
- Incentivar os estudantes a questionarem, a indagarem acerca dos fenômenos filosóficos a fim de adotarem uma atitude crítica diante da realidade.

CONTEÚDO: Fundamentos da Bioética

METODOLOGIA: Realizar síntese/resumo conceitual/tipificado de o conteúdo exposto Propor ao aluno. Questões problemáticas que envolvam argumentos do texto ao assunto abordado.

RECURSOS DIDÁTICOS: Livro didático, quadro branco e fontes de pesquisa como a internet.

AVALIAÇÃO: Responder no grupo questões formuladas a partir do texto em estudo.

REFERÊNCIA:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia.** São Paulo: Moderna, 2005.

CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2013. (Referência de base)

QUADRO 6 - Plano de aula 6 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB.

PLANO DE AULA

ESCOLA: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheira Márcia Guedes A. de Carvalho, localizada na Rua Brasileiro da Costa, Centro- Belém/PB.

DISCIPLINA: Filosofia

PROFESSORA: Aparecida Cunha **TURMA:** 3º Ano

TEMA: A sexualidade humana.

OBJETIVO GERAL: Promover a formação de cidadãos críticos e participativos na construção da sociedade.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Estimular no aluno o desenvolvimento da capacidade de análise crítica dos fatos, dos acontecimentos, da realidade como um todo;
- Incentivar o aprofundamento teórico do aluno, como fator importante na reflexão filosófica diante do mundo e do exercício da cidadania.

CONTEÚDO: Planejamento familiar: o controle da natalidade e os anticoncepcionais.

METODOLOGIA: Exposição e explicação de conteúdo, roda de conversa.

RECURSOS DIDÁTICOS: Livro didático, quadro branco e fontes de pesquisa como a internet.

AVALIAÇÃO: Participação os trabalhos em grupo.

REFERÊNCIA:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia.** São Paulo: Moderna, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2013. (Referência de base)

QUADRO 7- Plano de aula 7 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB.

PLANO DE AULA

ESCOLA: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheira Márcia Guedes A. de Carvalho, localizada na Rua Brasileiro da Costa, Centro- Belém/PB.

DISCIPLINA: Filosofia

PROFESSORA: Aparecida Cunha **TURMA:** 3º Ano

TEMA: Prostituição

OBJETIVO GERAL: Promover a formação de cidadãos críticos e participativos na construção da sociedade.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Estimular no aluno o desenvolvimento da capacidade de análise crítica dos fatos, dos acontecimentos, da realidade como um todo;
- Incentivar o aprofundamento teórico do aluno, como fator importante na reflexão filosófica diante do mundo e do exercício da cidadania.

CONTEÚDO: Abortos x anticoncepcionais.

METODOLOGIA: Exposição e explicação de conteúdo. Pesquisa de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS: Livro didático, quadro branco e fontes de pesquisa como a internet.

AVALIAÇÃO: Participação e trabalhos em grupo e apresentação de Jure simulados.

REFERÊNCIA:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia.** São Paulo: Moderna, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2013. (Referência de base

QUADRO 8 - Plano de aula 8 para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB.

PLANO DE AULA

DISCIPLINA: Filosofia

PROFESSORA: Aparecida Cunha **TURMA:** 3º Ano

TEMA: Drogas

OBJETIVO GERAL: Promover a formação de cidadãos críticos e participativos na construção da sociedade.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Estimular no aluno o desenvolvimento da capacidade de análise crítica dos fatos, dos acontecimentos, da realidade como um todo;
- Incentivar o aprofundamento teórico do aluno, como fator importante na reflexão filosófica diante do mundo e do exercício da cidadania.

CONTEÚDO: Uso e dependência de drogas.

METODOLOGIA: Problematização da temática a partir de imagens, fotografias, vídeos, músicas, poemas, textos. Exposição e explicação de conteúdo e realizar síntese/resumo conceitual/tipificado do conteúdo exposto.

RECURSOS DIDÁTICOS: Livro didático, quadro branco e fontes de pesquisa como a internet.

AVALIAÇÃO: Participação e trabalhos em grupo e apresentação de Jure simulada.

REFERÊNCIA:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia.** São Paulo: Moderna, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2013. (Referência de base)

QUADRO 9 – Projeto de Intervenção para a prática docente nas aulas de Filosofia a serem aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB.

2 PROJETOS DE INTERVENÇÃO

TEMA: No Túnel do Tempo
INTRODUÇÃO

A Filosofia é um modo de pensar, é uma postura diante do mundo. A filosofia não é um conjunto de conhecimentos prontos, um sistema acabado, fechado em si mesmo. Ela é, antes de tudo, uma prática de vida que procura pensar os acontecimentos além de sua pura aparência. Assim, ela pode se voltar para qualquer objeto. Pode pensar a ciência, seus valores, seus métodos, seus mitos; pode pensar a religião; pode pensar a arte; pode pensar o próprio homem em sua vida cotidiana. Diz-se que a Filosofia incomoda certos indivíduos e instituições porque questiona o modo de ser das pessoas, das culturas, do mundo. Isto é, questiona a prática política, científica, técnica, ética, econômica, cultural e artística.

Desse modo, compreender a importância do ensino da Filosofia no Ensino Médio é entendê-la como um conhecimento que contribui para a formação do aluno. Cabe a ela indagar a realidade, refletir sobre as questões que são fundamentais para os homens, em cada época.

A reflexão filosófica não é, pois, qualquer reflexão, mas rigorosa, sistemática e deve sempre pensar o problema em relação à totalidade, para alcançar a radicalidade do problema, isto é, ir à sua raiz. Esta é a preocupação do Colégio ao instituir a disciplina de Filosofia no Ensino Médio; a busca pelo ensino da reflexão filosófica, instrumentalizando os alunos para estarem aptos a compreender e atuar em sua realidade.

PROBLEMÁTICA:

A reflexão filosófica não é, pois, qualquer reflexão, mas rigorosa, sistemática e deve sempre pensar o problema em relação à totalidade, para alcançar a radicalidade do problema, isto é, ir à sua raiz. Esta é a preocupação da escola ao instituir a disciplina de Filosofia no Ensino Médio; a busca pelo ensino da reflexão filosófica, instrumentalizando os alunos para estarem aptos a compreender e atuar em sua realidade.

OBJETIVO GERAL

*Formar o hábito da reflexão sobre a própria experiência possibilitando a formação de juízos de valor que subsidiem a conduta do sujeito dentro da escola e fora dela.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

*Estimular a atitude de respeito mútuo e o senso de liberdade e responsabilidade na sociedade em que vive considerando a escola como parte da vida do aluno;

*Oportunizar momentos que facilitem. O pensar e o pensar sobre o pensar;

*Trabalhar com textos que incluam termos e conceitos cotidianos que facilitem a interação no

contexto social.

METODOLOGIA

Apresentação de trabalhos, em que os alunos demonstrarão ou não a apreensão dos temas e problemas investigados através da criação de conceitos. Dessa forma, cremos estar caminhando em direção ao desenvolvimento de valores importantes para a formação do estudante do ensino médio: solidariedade, responsabilidade e compromisso pessoal.

AVALIAÇÃO

A proposta de trabalho para os alunos e a avaliação ocorrerá no sentido de contribuir tanto para o professor, possibilitando avaliar a própria prática, como para o desenvolvimento do aluno; permitindo-lhe perceber seu próprio crescimento e sua contribuição para a coletividade. Será, portanto, de caráter diagnóstico e som ativo (em caráter de zero a dez), conforme o desempenho individual e/ou coletivo.

REFERÊNCIAS

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: Historia e Grandes Temas**. São Paulo: Saraiva 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1993.

6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A REGÊNCIA

No decorrer das aulas, realizadas no estágio supervisionado onde ministrei os alunos foram instigados a participar das discussões. Por meio dos meus questionamentos, as opiniões vão surgindo, fazendo com que as aulas sejam interessantes. Todos querem falar, colocar seu ponto de vista e suas hipóteses, demonstrando entusiasmo, curiosidade e criatividade em relação ao que está sendo abordado. A maior parte dos alunos percebe a importância de suas ações e atitudes diante da sociedade e da natureza, procurando fazer o melhor e refletindo sobre as consequências de ações e de atitudes equivocadas.

Os alunos demonstram vontade de discutir questões que fazem parte da sua realidade, de entender um fato a seu modo, de refletir, de fazer relações de como, quando e por que as coisas acontecem. Em cada aula foi um aprendizado, uma emoção diferente, uma realidade, onde cada um buscou da sua participação contribuindo assim com o momento proposto. Também teve aqueles que foram indiferentes, mas como nem tudo é perfeito, toda experiência é um aprendizado.

Portanto, a educação para o filosofar encontra nesta fase o momento mais intenso e mais fértil para a percepção do eu e do outro. Educar para pensar bem por si só, para refletir, dialogar e investigar honestamente é formar o cidadão livre e ético, consciente de si e da escolha de valores com os quais se identifica. (CUNHA, 2008).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O retorno oficial dessa disciplina aos currículos do Ensino Médio no Brasil possibilita uma nova oportunidade para que se desenvolva de forma crítica e dependente firmando-se como de fato é, ou seja, pensamento atuante. Todo o trabalho apresentado mostrou-nos que o ensino de Filosofia ainda é muito deficiente, mas as possibilidades estão sendo aproveitadas e a cada dia os desafios são vencidos. Assim esperamos que a Filosofia cumpra seu papel para com a formação.

O estágio nos abriu como diria William Blake, (“as portas da percepção”). Já tivéramos uma experiência de observação. Desde então nossa abordagem da Filosofia adquirira algo do colorido e do “dolorido” que a prática de ensino comporta. Este ano só veio a crescer em experiência e a consolidar as atitudes que dão “carne” ao ânimo que o aprendizado teórico concede; dito de outro modo percebeu que é preciso “encarnar” o espírito filosófico numa prática pedagógica para que ele possa dar frutos mais próximos na formação de indivíduos conscientes e críticos.

Os pontos fortes que faremos luzir são os seguintes: refinar o amadurecimento do aprendizado filosófico docente; compreensão do lugar do professor de filosofia na formação do jovem; a satisfação de ver sujeitos despertos e mais capacitados intelectualmente; e a preparação de uma conduta profissional que possa aliar pesquisa e ensino, teoria e prática, no filosofar. Os pontos fracos talvez derivem de nossa imaturidade provisória em encarar certos desafios que a realidade escolar nos imponha.

A experiência em sala de aula com jovens, entretanto, exige a identificação, a compreensão e a problematização de outras facetas do ato de ensinar e de aprender, tais como: a dificuldade de ensinar aquele que nem sempre está disponível a ouvir, aquele aluno que, muitas vezes, não quer pensar o que lhe é proposto e se mostra indisponível ao embate com questões filosóficas. Valendo-nos de Kastrup, (2005, p.15), dizemos que “para ser mestre não basta transmitir informações novas e igualmente descartáveis, mas produzir experiências novas que não envelhecem, que conserva sua força destrutiva e se mantenha sempre nova”. Então podemos entender “o conteúdo” como essa “experiência sempre nova”. E assim desconstruirmos a ideia de que o saber fazer filosófico (conteúdos) está com o professor, e o não saber (o vazio) esta com o aluno.

Considerando que o pensar está associado à aprendizagem e não ao ensino e que, portanto, não se poderia “ensinar a pensar”, pois tal ação é de ordem da subjetividade

envolvida, do sujeito que é foco de tal ação; e considerando também que o conceito de ensino está atrelado à ideia de planos, regras, métodos, supõem a unidirecionalidade – do como professor para o aluno, pois com diz Freire (2003, p.104). “O desafio do ensino da filosofia na esfera da educação enquanto processo pedagógico será uma maneira de discutirmos e aplicarmos a “reinvenção” em educação”. Eis então, o problema: qual garantia de que essa meta será alcançada? Quem garante que o sujeito a que ensino é dirigido irá aprender? Como se manifestará tal aprendizagem?

Essas são questões que podem ser respondidas rapidamente por uma pedagogia de cunho tradicional, na qual não há lugar para incerteza, para a indagação acerca do sujeito da aprendizagem, de suas condições, de sua subjetividade. Segundo Deleuze (2006, p. 15), “O erro da Filosofia é pressupor em nos a vontade de pensar, um desejo, um amor natural pela verdade.” Aprender, então implica rompimento e ao mesmo tempo encontro; aprender pressupõe não aceitar o convite, mas ser violentamente encaminhado para tal.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. e MARTINS, M. H. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Ed. Moderna, 2003. 520p.

AZANHA, J. M. P. **Uma ideia de pesquisa educacional**. São Paulo: EDUSP, 1992. 208p.

_____. **A Formação do professor e outros escritos**./José Mário Pires Azanha. –São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

CELLETTI, Alejandro. **O Ensino de Filosofia como Problema Filosófico**. [tradução Ingrid Müller Xavier]: Autentica Editora, Belo Horizonte, 2009. p.18.– (Ensino de Filosofia).

CUNHA, J. A. (org) **Filosofia para criança: orientação pedagógica para educação infantil e ensino fundamental**. Campinas: Editora Alínea, 2008. p.13.

DELEUZE, G. **Proust e Os Signos**. 2. Edição Editora Florença, Rio de Janeiro, 2006. 184p.

FREIRE, Paulo; **Educação como prática de liberdade**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. 184p.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 2011. 104p.

HENGEMUHLE, Adelar. **Formação de Professores: Da função de Ensinar ao Resgate da Educação**/ Adelar Hengemuhle. 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KASTRUP, V. Políticas Cognitivas na Formação do Professor e o Problema do Devir-. Mestre. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, set./dez. 2005.

LIPMAN, M. **A filosofia vai à escola**; tradução Maria E. De Brzezinski e Lúcia M. S. Kremer. São Paulo: Summus, v.2, p.13-14.1990.

Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002. 346 p.

MEIRIEU, P. **O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2005, 148p.

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em Sala de Aula: Teoria e Prática para o Ensino Médio**. Campinas, SP. Coleção Formação de Professores. Autores Associados, 2009, 280 p.

SILVEIRA, Renê. **Um Sentido para o Ensino de Filosofia no Ensino Médio**, in Gallo, S. & Kohan, W. (org.), *Filosofia no Ensino Médio*, p. 129- 148. VALLS, A. et al., “Diretrizes Curriculares aos Cursos de Graduação em Filosofia”, MEC-SESU, 1999.

ANEXOS

Frente da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB



Lateral da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB.



Momento onde os diretores Betânia e Jailson me receberam permitindo-me estagiar na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Eng^a Marcia Guedes A. de Carvalho, Belém/PB.



Encontro com a professora regente Ilma para combinar o início do estágio



Início do Estágio Supervisionado I – Observação.



Início do Estágio Supervisionado II – Observação.



Início do Estágio Supervisionado III – Regência.



Documentos comprobatórios do Estágio Supervisionado



 UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
 CURSO: FILOSOFIA/PARFOR/CAPEs

OFÍCIO/UEPB/CIPE/CIRC/___/2016

Ilmo.(a): Maria Betânia Cardoso de Amorim

Solicitamos à direção deste estabelecimento de ensino a sua colaboração, permitindo a inserção no processo de vivência pedagógica e disponibilização de informações necessárias à realização da atividade acadêmica concernente ao componente Estágio Supervisionado I para

Maria Suprianda da Cunha Lima

O estágio deve ser realizado na modalidade - Observação - no período entre 01/02/2016 e 31/03/2016 nas aulas de filosofia do ensino médio.

Contando com o seu apoio, agradecemos antecipadamente a atenção e valiosa colaboração dispensadas.

Saudações Acadêmicas

Luiz Carlos de Azevedo
 Prof. Supervisor - Estágio, Parfor/UEPB

Guarabira, 19 de Janeiro de 2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 PARFOR FILOSOFIA
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I
FICHA DE FREQUÊNCIA

ALUNO(A): Maria Suprianda da Cunha Lima MATRÍCULA: _____
 CAMPO DE ESTÁGIO: E. E. E. F. M. Eng. Maria Guedes G. de Carvalho
 MUNICÍPIO: Belém FONE: _____
 GESTOR(A): Maria Betânia Cardoso Amorim CEL: _____

DATA	HORÁRIO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO (A) ESTAGIÁRIO(A)	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL
03/03	7:45	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
03/03	9:30	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
03/03	10:45	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
03/03	11:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
04/03	7:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
04/03	8:30	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
04/03	10:15	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
04/03	11:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
10/03	7:45	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
10/03	9:30	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
10/03	10:45	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
10/03	11:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
18/03	7:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
18/03	8:30	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
18/03	10:15	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
18/03	11:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
31/03	7:45	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
31/03	10:30	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
31/03	15:30	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
31/03	16:15	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 PARFOR FILOSOFIA
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I
FICHA DE FREQUÊNCIA

ALUNO(A): Maria Suprianda da Cunha Lima MATRÍCULA: _____
 CAMPO DE ESTÁGIO: E. E. E. F. M. Eng. Maria Guedes G. de Carvalho
 MUNICÍPIO: Belém FONE: _____
 GESTOR(A): Maria Betânia Cardoso Amorim CEL: _____

DATA	HORÁRIO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO (A) ESTAGIÁRIO(A)	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL
17/11	7:45	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
17/11	9:30	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
17/11	10:15	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
17/11	11:00	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
18/11	7:00	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
18/11	8:30	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
18/11	10:15	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
18/11	11:00	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
25/11	7:00	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
25/11	8:30	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
25/11	10:15	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
25/11	11:00	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
25/11	13:45	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
25/11	14:30	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
25/11	15:30	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
25/11	16:15	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
01/12	7:45	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
01/12	9:30	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
01/12	10:15	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
01/12	11:00	Regência	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 PARFOR FILOSOFIA
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I
FICHA DE FREQUÊNCIA

ALUNO(A): Maria Suprianda da Cunha Lima MATRÍCULA: _____
 CAMPO DE ESTÁGIO: E. E. E. F. M. Eng. Maria Guedes G. de Carvalho
 MUNICÍPIO: Belém FONE: _____
 GESTOR(A): Maria Betânia Cardoso Amorim CEL: _____

DATA	HORÁRIO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO (A) ESTAGIÁRIO(A)	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL
04/08	7:45	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
04/08	9:30	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
04/08	10:45	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
04/08	11:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
05/08	7:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
05/08	8:30	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
05/08	10:15	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
05/08	11:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
12/08	7:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
12/08	8:30	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
12/08	10:15	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
12/08	11:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
18/08	7:45	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
18/08	9:30	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
18/08	10:15	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
18/08	11:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
19/08	7:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
19/08	8:30	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
19/08	10:15	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>
19/08	11:00	10 Observações	<u>Maria Suprianda da Cunha Lima</u>